

Gabriela Cristina Borborema Bozzo  
(Organizadora)

# LETRAS, política & sociedade



Gabriela Cristina Borborema Bozzo  
(Organizadora)

# LETRAS, política & sociedade



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Gabriela Cristina Borborema Bozzo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

L649 Letras, política & sociedade / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0033-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.332223103>

1. Letras. 2. Política. 3. Sociedade. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título.

CDD 401

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

O livro *Letras, política & sociedade* apresenta, em seus treze capítulos, trabalhos diversos correlacionados ao tema que o volume se propõe a tratar, entrelaçando, de fato, as letras, a sociedade e a política. Tendo em vista que não há letras sem sociedade e não há sociedade sem política, o tema é muito bem cortejado pelos treze artigos que o atravessam.

Desse modo, temos trabalhos que possuem, como *corpus*, obras de Louvet de Couvray, Martins Pena, Pero Vaz de Caminha, Jorge de Souza Araújo, Mia Couto, José de Alencar, Gilberto Gil, E. E. Cummings, John Bunyan e Valêncio Xavier, cortejando seu objeto de estudo com diferentes possibilidades metodológicas, construindo um abrangente horizonte de abordagens literárias, musicais e históricas.

Há, ainda, trabalhos que contemplem manchetes do jornal G1, letramento de imigrantes e refugiados, declaração de Jair Bolsonaro à nação brasileira, o trabalho do crítico Roland Barthes e a mudança de apresentação de um partido político brasileiro. Como pode ser observado, há um rico leque de possibilidades de verificação desse vasto *corpus* no campo da linguística, bem como político e social.

Portanto, o volume em questão corrobora para o enriquecimento não só do campo da literatura e da linguística, mas também no que tange à política e à sociologia, contribuindo para com as Ciências Humanas e possibilitando novos conhecimentos para graduandos, graduados, pós-graduandos e pós-graduados e a todos que se interessarem por diversas correntes metodológicas a atravessarem o horizonte das humanidades.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO ..... 11**

DIZER O INDIZÍVEL: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO, LITERÁRIO E SOCIAL EM “BECOS DO HOMEM”

Adriane Ester Hoffmann

Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231031>

### **CAPÍTULO 2..... 16**

GUERRA CIVIL, SONHOS E ANCESTRALIDADES NA LITERATURA MOÇAMBICANA: DECIFRANDO A “TERRA SONÂMBULA” DE MIA COUTO

Diego Romerito Braga Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231032>

### **CAPÍTULO 3..... 27**

CARTAS ENTRE AMIGOS: UM RELATO LITERÁRIO

Juliana de Lima Laperla Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231033>

### **CAPÍTULO 4..... 33**

JOSÉ DE ALENCAR: O POLÍTICO NATO

Juliana de Lima Laperla Batista

Valéria Caraça Camargo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231034>

### **CAPÍTULO 5..... 39**

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO LOCUTOR NA DECLARAÇÃO À NAÇÃO DO PRESIDENTE BOLSONARO (09/09/2021)

Neire Ferreira Yamamoto

Maria Eliete de Queiroz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231035>

### **CAPÍTULO 6..... 52**

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA PEIRCIANA DA MUDANÇA DE PMDB A MDB, OU DAS “MUDANÇAS” POLÍTICAS NO BRASIL

Diego Rodrigo Ferraz

Rainne Fogaça da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231036>

### **CAPÍTULO 7..... 62**

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DA ORALIDADE NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO PARA IMIGRANTES E REFUGIADOS NÃO ALFABETIZADOS

Umberto Euzebio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231037>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>75</b>
<i>PANIS ET CIRCENSE: DECOLONIALIDADE E EPISTEMOLOGIA AFRO-DIASPÓRICA EM GILBERTO GIL</i>	
Angélica Maria Schimitz da Silveira	
Camila Gabriela Pollnow	
Edelu Kawahala	
Lucas da Silva Sampaio	
Rodrigo Díaz de Vivar y Soler	
Thomas Teixeira Fidryszewski	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231038">https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231038</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>87</b>
INTERDIÇÃO E NÃO DITO EM DUAS ‘MANCHETES’ DO <i>G1</i>	
Diego Rodrigo Ferraz	
Raíne Fogaça da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231039">https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231039</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>94</b>
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: O TRAVESTISMO COMO DENÚNCIA SOCIAL EM LOUVET DE COUVRAY E MARTINS PENA	
Cristina Reis Maia	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310310">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310310</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>105</b>
ROLAND BARTHES: ENTRE O EXERCÍCIO CRÍTICO E A LITERATURA, ENTRE A FIGURA E O PERSONAGEM	
Winnie Wouters	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310311">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310311</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>122</b>
NARRAÇÃO E MONTAGEM EM <i>O MEZ DA GRIPPE</i>	
Damásio Marques	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310312">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310312</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>140</b>
<i>THE ENORMOUS ROOM</i> E <i>THE PILGRIM’S PROGRESS</i> : PEREGRINAÇÃO EM BUSCA DA LIBERDADE	
Laura Moreira Teixeira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310313">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310313</a>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>154</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>155</b>

## INTERDIÇÃO E NÃO DITO EM DUAS ‘MANCHETES’ DO G1

Data de aceite: 01/03/2022

**Diego Rodrigo Ferraz**

Mestre em Educação. PPGE/UNESC  
Criciúma/SC  
<http://lattes.cnpq.br/8908912490266356>

**Rainne Fogaça da Silva**

Mestranda em Letras. PPGL/PUCRS  
Porto Alegre/RS  
<http://lattes.cnpq.br/5767027084731647>

**RESUMO:** Este artigo procura mobilizar dois conceitos distintos: interdição, de Michel Foucault, e não-dito, de Orlandi, de modo que se possa compreender de forma mais teórica os fenômenos que impedem a linguagem da imprensa de se posicionar. Diante disso, procurar perceber os reflexos dessa busca por uma transparência que gera opacidade, o que gera um discurso, talvez, mais perigoso que o próprio pronunciamento aberto, pois as ideologias ali incutidas ficam escamoteadas por detrás de uma “neutralidade” que, por vezes, se pode observar, mas geralmente permanece invisível, pois esses textos não são lidos unicamente por especialistas em linguagem ou comunicação, mas pela população de um modo geral, a qual desconhece as relações de poder estabelecidas pela língua(gem).

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; Não dito; Interdição; Manchete.

### INTERDICTION AND UNSAID IN TWO HEADLINES FROM BRAZILIAN NEWSPAPER

**ABSTRACT:** This paper intends to investigate two different conceptions: interdiction, discussed by Michel Foucault, and unsaid, based on the thoughts of Eni Orlandi, in order to understand the phenomena of the press language that prevent its positioning. Therefore, it is necessary to realize the implications of this search for transparency that creates a discourse, perhaps, more dangerous than a clear speech, since the ideologies remains behind a “neutrality”, that usually stays invisible, because a lot of people read these texts, and many of them do not know about the power relations established by language.

**KEYWORDS:** Discourse; Unsaid; Interdiction; Headline.

## 1 | INTRODUÇÃO

Que a linguagem jornalística se pretende neutra não é novidade, esse fato é conhecido até mesmo por leigos. No cenário brasileiro, faz algum tempo que a “neutralidade jornalística” tem sido cada vez mais questionada pela população em geral. Tal fato atraiu a atenção para uma análise dos discursos produzidos pela mídia, principalmente, no âmbito político, haja vista a situação caótica vivida pela política brasileira.

Desse modo, este artigo faz uma análise

de duas manchetes<sup>1</sup> do portal “G1”, por meio da Análise do Discurso. O “G1” é um site ou portal pertencente à rede Globo que veicula notícias em uma plataforma online. Já a Análise do Discurso, doravante AD, é uma área de estudos que “trata do discurso” (ORLANDI, 2003, p. 15), mais especificamente, parte-se “da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia” (ORLANDI, 2003, p. 17). Ou seja, a partir da língua, ou da materialidade: o texto; o discurso é acessado e, por conseguinte, a ideologia. Neste trabalho, opta-se por utilizar o termo AD somente por não realizar uma análise de caráter unicamente de origem pecheutiana, porém, mescla conceitos de Orlandi e Foucault.

As manchetes escolhidas foram publicadas uma no dia treze de fevereiro de dois mil e quinze e a outra dia quinze de maio de dois mil e dezesseis. A primeira tem por autor Eduardo Carvalho do G1 de São Paulo, já a de dois mil e dezesseis não aparece autor identificado, apenas que foi realizada pelo G1 do Rio de Janeiro. Ambas falam a respeito do turismo e alta do dólar com ênfases diferentes, todavia, fortalecendo, parece, um mesmo discurso (ideologia). A escolha dessas, em específico, se deu pela veiculação que ocorreu, à época, pelo *whatsapp*<sup>2</sup> de imagens contrastando as duas manchetes e denunciando o G1 e, subsequentemente, a globo como golpista(s). O fato de se analisar a manchete — embora o texto possa ser citado, o enfoque será a manchete — é porque ao primeiro momento é o que se destaca e, posteriormente, segundo Knewitz e Jacks (2013), entre os muitos tipos de leituras feitas, as leituras apenas de manchetes são bastante comuns.

Para realizar a análise, serão, então, utilizados, essencialmente, o conceito de não dito de Orlandi (2003) e o conceito de interdição de Foucault (2008). Pois, além de analisar o não dizer e a ideologia por trás das duas manchetes e como os dois discursos, com o espaço de um pouco mais de um ano entre si, se complementam. Analisa-se o fato de que, primeiro, a linguagem jornalística que se pretende neutra não consegue atingir essa neutralidade, até mesmo porque para a Análise do Discurso a língua não é transparente, e sim opaca (FERREIRA, 2003), e, em segundo lugar, a razão de como as manchetes acabam por trazer sua ideologia por meio do não dito. Isso será feito pelo deslizamento e aproximação dos conceitos supracitados de Orlandi e de Foucault.

Para tanto, o texto se organizará do seguinte modo: primeiro, uma breve exposição dos conceitos de Foucault (2008) e Orlandi (2003); seguido da exposição das manchetes e do contexto que as circundam e, por fim, será feita a análise das manchetes aplicando os conceitos discorridos de modo a não simplesmente afirmar o que já se sabe, mas, de alguma forma, esclarecer o porquê isso ocorre.

---

1 O termo utilizado é manchete, porém isso é controverso (pode-se optar por abertura), tendo em vista que a plataforma é online e aquilo que hoje está na capa, amanhã não estará mais. Por isso, apesar do uso deliberado da palavra, há de se ter em mente essa questão.

2 Aplicativo para enviar e receber mensagens por *smartphones*, além de mensagens de texto é possível enviar: áudios, vídeos e imagens.

## 2 | INTERDIÇÃO E NÃO DITO

Os conceitos utilizados têm suas proximidades e similaridades, faz-se necessário, no entanto, explicá-los para compreender o motivo de utilizar tais conceitos, compreendendo-os como complementares. Explana-se primeiro sobre conceito foucaultiano, posteriormente, sobre o conceito de Orlandi para realizar a aplicação de ambos à análise.

A interdição foi citada por Foucault em dezembro de 1970 quando realizou sua aula inaugural no *Collège de France*, publicado pela primeira vez em francês em 1971 no livro *A ordem do discurso (L'ordre du discours)* (FOUCAULT, 2008). Ele já inicia o livro (ou seu discurso) abordando o perigo do discurso e sua ordem (ou obrigatoriedade) e, então, começa a relatar os “procedimentos de exclusão externos” pela *interdição*<sup>3</sup> (FOUCAULT, 2008). A *interdição* seria o fato de não se poder falar tudo ou qualquer coisa em qualquer circunstância (FOUCAULT, 2008). Além disso, há três tipos de interdições, “tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala [...]”, que atuam em conjunto (FOUCAULT, 2008, p. 9). Resumidamente, a interdição, ou interdito, para Foucault, tem relação com o que está entre o dito, mas um entre dizer que diz respeito às “proibições” do discurso ou de determinados discursos que se dão de modo distintos nas diferentes regularidades discursivas que ele cita.

Em contrapartida, o *não-dito* de Orlandi (2003) está mais próximo de um não dizer que faz parte do dizer, pois “há sempre no dizer um não-dizer necessário” (ORLANDI, 2003, p. 82). Esse conceito, para a autora, está, também, vinculado ao interdiscurso, ao intradiscurso, à ideologia e à formação discursiva, isso porque como Orlandi é, de fato, uma analista do discurso está mais, diretamente, preocupada com algumas dessas questões do que Foucault. Pode-se observar neste mesmo livro, *Análise do discurso: princípios e procedimentos*, a relação entre o *não-dito* e o silêncio, podendo ser este: **fundador** quando oferece sentido ao dizer; **constitutivo** quando por não se dizer algo, outro algo é dito; e, por fim, **local** que seria a proibição (ORLANDI, 2003), este último seria um silêncio mais próximo do conceito de *interdição* foucaultiano.

Se Orlandi (2003), portanto, em seu conceito de *não-dito*, abarca a questão da “palavra proibida” de Foucault (2008), por que trazê-lo para a discussão? Ora, o motivo é que a brasileira apesar de abarcar em seu bojo a proibição, não o faz como Foucault, pois ela traz a questão de relações de poder, mas está mais preocupada com o que não se está deixando dizer. Enquanto há, em Foucault, o estabelecimento de “por que não se pode dizer?” e como a interdição atua para que não se diga o que não se pode, uma vez que “a grade complexa” que compõe a interdição modifica-se (FOUCAULT, 2008, p. 9). Isto é, mobilizam-se ambos os teóricos para além de demonstrar o não dizer que se faz visível nas

---

3 No artigo se utilizará o termo *interdição*, pois é o utilizado pela tradução brasileira publicada, porém em uma tradução livre de Edmundo Cordeiro e Antônio Bento o mesmo termo é denominado *interdito*. Desse modo, podemos trabalhar com essa ambiguidade da tradução de interdição tanto como proibição como aquilo que, por ser proibido, fica entre o que está dito.

manchetes — até mesmo os leigos leitores compreendem a politicidade por detrás delas — ressaltar teoricamente a razão desse dizer por meio do não dito.

## 2.1 A neutralidade da imprensa

A linguagem jornalística se pretende neutra, como já dito na introdução, mais que isso, Melo (2004), em seu artigo “O discurso de neutralidade na imprensa”, faz uma análise dos manuais de redação, bem como estilos jornalísticos e relata que a imparcialidade jornalística “pressupõe que a língua ou, pelo menos, um pedaço dela pode ser transparente de forma tal que a língua pode refletir os fatos como eles se apresentam” (2004, p. 32). Além disso, “[o] jornalista, nos manuais, para fazer um bom texto, deve usar uma linguagem *objetiva, clara*, afastando-se de ideologias e tendências políticas” (MELO, 2004, p. 32-33, grifo da autora). Observa-se, diante disso, a crença em uma linguagem que não só é imparcial e transparente como não é ideológica, política e, sobretudo, pode relatar os fatos verdadeiramente.

Destarte, esse aparato cria uma *interdição*, ou seja, coisas que não podem ser ditas e posicionamentos que não podem ser tomados abertamente, gerando um não dito; tudo isso manifesto por uma “vontade de verdade” (FOUCAULT, 2008), de se pretender transparente, puro. E aí se insere o conceito foucaultiano, pois se algo é silenciado, encontrando-se no nível do *não-dito* de Eni Orlandi, é porque, para Foucault (2008), houve uma *interdição* que ocorre de três modos, os quais são apresentados e detalhados nas análises das manchetes posteriormente.

## 3 | ANÁLISE DOS DADOS

Antes de iniciar a análise dos dados, precisa-se de compreender o contexto político brasileiro das manchetes em questão. Desde o resultado das eleições presidenciais de 2014, o clima político brasileiro se tem demonstrado tenso. Os próprios números nas urnas confirmam certa divisão de opinião entre os brasileiros pela estreita vitória e reeleição da presidenta Dilma Rousseff. Seu primeiro mandato termina em meio a conturbados escândalos de corrupção os quais envolviam partidos da base aliada, inclusive o próprio Partido dos Trabalhadores (PT). Dilma inicia o ano de 2015 com muitos desafios, além das divisões nas urnas, crise econômica e manifestações nas ruas contra seu governo. Parece, também, ter sido alvo da imprensa ainda que esta se pretenda neutra, transparente, não ideológica e apolítica. E é em meio a esse contexto que é publicada a primeira manchete no início de dois mil e quinze, a seguir:

“Com dólar nas alturas, brasileiro perde poder de compra e evita exterior” (CARVALHO, 2015).

Essa manchete é publicada quando Dilma ainda estava no comando da presidência da república. Após um longo e conturbado ano, dia doze de maio de dois mil e dezesseis a presidenta Dilma Rousseff é afastada, temporariamente, pelo decorrer do processo de

impeachment, assumindo, assim, seu vice Michel Temer. Três dias depois da posse de Temer o G1 publica o seguinte texto:

“Dólar alto deixa Brasil ‘barato’ para estrangeiros e atrai turistas” (G1, 2016)

É interessante observar algumas questões como: a primeira reportagem está enquadrada na área “turismo e viagem”, por isso, transmite a sensação de que com a alta do dólar os brasileiros estão perdendo seu poder de compra, seu direito de viajar durante as férias, seu lazer e descanso viram dor de cabeça ao se deparar com o fato de seu dinheiro estar desvalorizado ante o Dólar.

Em contrapartida, a segunda matéria se enquadra no portal no setor “economia”. Ainda que esteja falando da alta do dólar, de turismo e os brasileiros continuem sem poder de compra, o texto trata o aspecto econômico como que de modo positivo, pois turistas têm vindo ao Brasil e gastado aqui, “[e]m janeiro deste ano, os estrangeiros gastaram US\$ 650 milhões no país, um crescimento de 14,4%. Foi o maior gasto para o mês desde 2013” (G1, 2016). Além disso, os vendedores de lembrancinhas dizem que têm vendido bastante e que os estrangeiros, diferente dos brasileiros, não reclamam dos preços.

Nesse contraste, perda de direito de viajar (turismo) de um lado e aumento de recepção de turistas do outro (economia), já demonstra um discurso bem formatado pelo portal. Afinal, a moeda estadunidense, na primeira reportagem, estava cerca de três reais e na segunda cerca de três reais e cinquenta centavos, contudo, o modo de abordar o assunto é bem diverso, por que será? O que mudou? Pelo visto, a única mudança no cenário foi, de fato, o afastamento de Dilma Rousseff e, com isso, parece que instantaneamente os problemas econômicos começam a se resolver, pois nos não ditos se observa que o que foi dito se escolheu dizer de modo que transmite ao leitor sensações divergentes acerca de um mesmo tema central: “dólar valorizado”.

Outro ponto é a ênfase, no primeiro, o uso de “nas alturas” dá um tom desesperador, principalmente pelo que se segue “brasileiro perde poder de compra”, note que quem perde aqui é o brasileiro, a população. As palavras são escolhidas e elencadas de modo chamativo e catastrófico, o leitor deve sentir insegurança e sensação de perda diante do exposto mesmo aqueles cuja vida tenha sido vivida integralmente no Brasil, sem perspectiva alguma de viajar para o exterior independente da alta do dólar.

Já no segundo enunciado, o texto é mais comedido o dólar já não está “nas alturas”, está “alto” e o Brasil se torna ‘barato’ para os estrangeiros, isso os traz para cá movimentando a economia, note que brasileiro não é mais citado, agora é o Brasil com letra maiúscula, o país está barato, mas não pejorativamente, e sim como um atrativo, algo necessário para a manutenção e melhoria da economia.

Consegue-se observar, a partir da aproximação de ambas as manchetes e análise do contexto de produção, que mesmo se os textos não foram intencionalmente direcionados, ou seja, se a abordagem neutra foi pretendida nos textos, não se atingiu tal neutralidade, pois nos dois textos há a presença de um discurso que se complementa. Apesar de terem

sido produzidos em estados diferentes e categorizados em áreas diferentes, os discursos reafirmam posicionamentos ideológicos. Torna-se possível pensar duas hipóteses ou o discurso jornalístico é abertamente demarcado e os textos transparecem visivelmente o posicionamento dos autores, ou há uma confirmação da impossibilidade da neutralidade linguística, haja vista que a tentativa de uma neutralidade nos textos não se realiza, pelo contrário, quando analisados lado a lado as manchetes parecem mais atestar um posicionamento ideológico do que alcançar a neutralidade/objetividade pretendida, se for esta a intenção.

Diante do exposto, as questões relatadas por Foucault (2008) que geram a interdição seriam três e essas desencadeiam a linguagem da imprensa que mesmo em reportagens procuram neutralizar e se demonstrar imparciais. Pode-se dizer que é um “tabu de objeto” posicionar-se politicamente nesses tipos de texto e, portanto, se criam “rituais de circunstâncias” de onde emergem sujeitos que falam de um local exclusivo (FOUCAULT, 2008), esse aparato desenvolve a *interdição* ou aquilo que não se pode dizer na imprensa. Este não dizer gera outro discurso por meio dos *não-ditos* — pois a linguagem é sempre opaca por mais que se diga o contrário —, discurso este que é até mais perigoso do que um posicionamento aberto, pelo fato de que vai agindo sub-repticiamente e instaura ideologias quase que de modo inconsciente.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo operou com dois conceitos o da *interdição* e o do *não-dito*, de modo a demonstrar que a linguagem midiática, neste caso, em específico, as manchetes de reportagens, não pode dizer ou expor suas ideologias abertamente, basta ver a questão da neutralidade e imparcialidade. Para tanto, foi visto o que pesquisas, como a de Melo (2004), observam acerca do discurso da imprensa e explanado minimamente sobre os dois conceitos em questão.

Foi observado, desse modo, como o conceito e os modos de *interdição* estão presentes na linguagem jornalística, o resultado ao qual se chegou é que essa interdição não gera a procurada transparência, antes, reafirma a opacidade da língua por meio dos *não-ditos* que são produzidos. Observa-se, portanto, que o conceito de interdição foucaultiano foi mobilizado junto ao de não-dito de Orlandi para compreender não somente o que não está dito, mas sim observar como esse *não-dito* é gestado. Esta é uma pesquisa incipiente, porém demonstra a possibilidade de novos modos de se abordar as temáticas, ainda que não inovador. Desse modo, trabalhar com conceitos de fontes distintas pode fazer com que se consiga ampliar os horizontes de análise desta área tão profícua que é a Análise do Discurso.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Eduardo. **Com dólar nas alturas, brasileiro perde poder de compra e evita exterior.** 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2015/02/com-dolar-nas-alturas-brasileiro-perde-poder-de-compra-e-evita-exterior.html>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. **Letras** (UFSM), v. 01, p. 39-46, 2003. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/viewFile/11896/7318>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 17.ed São Paulo: Loyola, 2008. 79 p.

G1. **Dólar alto deixa Brasil 'barato' para estrangeiros e atrai turistas.** 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/05/dolar-alto-deixa-brasil-barato-para-estrangeiros-e-atrai-turistas.html>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

KNEWITZ, Anna Paula; JACKS, Nilda. Hábitos do leitor de notícias contemporâneo. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 10, n. 27, p.75-96, mar. 2013. Quadrimestral. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/428>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

MELO, Sandra Helena Dias de. O discurso de neutralidade na imprensa. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. 1, p.29-40, jul./dez. 2004. Semestral. Disponível em: <[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/300/316](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/300/316)>. Acesso em: 18 jun. 2016.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso:** princípios & procedimentos. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2003.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise textual dos discursos 39, 40, 42, 43, 44, 45, 49, 50

### B

Bolsonaro 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50

Brasil 1, 2, 5, 8, 10, 15, 17, 25, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 38, 40, 42, 47, 48, 49, 52, 56, 59, 62, 63, 66, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 91, 93, 98, 100, 140

### C

Carta 27, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 148, 149

Cultura 4, 18, 23, 24, 32, 35, 38, 62, 64, 65, 67, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 95, 96

### D

Decolonialidade 75, 77, 78

### E

Erasmus 33, 34, 35, 36, 37, 38

### F

Fake news 40, 47, 48, 49

Figura 23, 34, 35, 43, 45, 57, 58, 96, 101, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 119, 120, 121, 126, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 136, 137

França 94, 97, 100, 104, 143, 149

### G

Gilberto Gil 75, 76, 77, 78, 80, 83, 84, 85, 86

### I

Identidade negra 75, 79, 82, 84

Imigrantes 25, 62, 63, 64, 73

Interdição 87, 88, 89, 90, 92, 127

### J

John Bunyan 140, 141, 142, 144, 148, 151, 152

Jorge de Souza Araújo 15

Jornal 8, 10, 11, 19, 127, 129, 135, 136, 138

José de Alencar 33, 34, 36, 37, 38

## L

Letramento 63, 64, 65, 70, 72, 73, 74

Literatura 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 28, 29, 31, 32, 38, 61, 83, 84, 97, 100, 104, 105, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 128, 130, 132, 138, 139, 141, 152, 154

Louvet de Couvray 94, 98, 99, 100

## M

Manchete 87, 88, 90

Martins Pena 94, 98, 99, 101, 103

Metodologia 50, 55, 60, 62, 64, 72, 154

Mia Couto 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 80, 86

Moçambique 17, 22, 25

Moral 5, 7, 10, 83, 95, 102, 143, 147

## N

Narrador 19, 23, 26, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139

## P

Paródia 140, 143, 145, 146, 148, 150, 152

Pero Vaz de Caminha 27, 28, 32

Personagem 19, 24, 30, 96, 97, 99, 101, 102, 105, 107, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 129, 135, 140, 145, 147, 148, 150

Política 2, 5, 6, 7, 11, 19, 24, 26, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 48, 50, 52, 53, 56, 78, 87, 90, 94, 95, 96, 98, 139, 145

Pragmática 23, 52, 53, 54, 55, 60, 61

## R

Refugiados 62, 63, 64, 72, 73, 74

Religião 80, 95, 98, 142

Representações discursivas 39, 40, 41, 46, 49, 50, 51

Roland Barthes 105, 117, 120, 121

Ruptura 18, 19, 77, 94

## S

Semiótica 52, 53, 54, 55, 59, 60, 61

Sexo 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102

Sociedade 1, 3, 4, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 21, 29, 50, 62, 78, 82, 85, 95, 97, 98, 101,

102, 146, 150, 152

## **T**

Teatro 8, 38, 103, 116, 128, 135, 136

Travestismo 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102

Tropicália 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86

## **V**

Valêncio Xavier 122, 123, 135, 139

🌐 [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)  
✉ [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)  
📷 @arenaeditora  
📘 [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

**Arena**  
Editora  
Ano 2022

# LETRAS, política & sociedade



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

# LETRAS, política & sociedade

